

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoese@ufes.br

/// Por que no Estado vazam dos canos 32,4% da água tratada? Além do dinheiro público jogado fora, é um desperdício insustentável que ninguém vê

Entramos pelo cano

Cinco temas precisam ser debatidos diante do limite extremo de escassez de água no Espírito Santo, além das mudanças climáticas e da sua combinação ou não com um ciclo natural de “vacas magras”:

1. Privatização da água e da Cesan. Acelerada neste momento pelo governo Hartung, é essencial que haja debate. Entre outras, a seguinte matéria pode estimulá-lo: “Gestão da água volta para o Estado em 235 cidades do mundo” (El País, 15/06/2015) – a partir do ano 2000. Entre essas cidades, incluem-se “pequenos municípios de países pobres, mas também grandes capitais como Berlim, Paris ou Buenos Aires”. Expõe-se os principais motivos que os levaram a entrarem pelo cano.

2. Universalização do acesso associada à degradação das bacias. Ao mesmo tempo em que se avançou no acesso de quase todas as moradias urbanas à água tratada, a escassez crescente desse bem público compromete a efetivação desse serviço essencial. As obras a partir da captação nos rios até as redes de distribuição foram acompanhadas de gotas de investimentos na recuperação e preservação socioambiental das bacias. A proposta é socializar

o investimento ambiental e privatizar a exploração da água?

3. Desperdício nas redes sucateadas. Tal como no ponto anterior, o “Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgotos – 2014 (SNIS)”, o mais atual disponível, adverte que “a percepção equivocada de uma disponibilidade hídrica permanente fez com que as ações estruturantes dos prestadores de serviços tenham sido preteridas por obras de ampliação da infraestrutura de sistemas de abastecimento de água”. Por que no Estado vazam dos canos 32,4% da água tratada? Além do dinheiro público jogado fora, é um desperdício insustentável que ninguém vê. Quem entra pelo cano na conta desse duplo descaso com o público?

4. Consumo de água e modelo econômico. O Espírito Santo, em 2014, teve o segundo maior “consumo médio per capita de água” (SNIS, média diária por indivíduo dos volumes utilizados usos doméstico, comercial, industrial, residencial e público): 198 l/hab/dia. Pesam nesse elevado consumo do Estado, as grandes empresas no litoral e setores da agricultura, especialmente a irrigação esbanjadora. Portanto, a redução não deve se limitar ao lar.

5. Sem plano até faltar água. Um dos dois Estados que até agora, no século XXI, ainda não têm um “plano estadual de recursos hídricos” é o Espírito Santo.

Haja imprevidência e desconsideração da água enquanto bem público e simbólico para a vida.